

Ensaio Sobre a Cegueira

PERSONAGENS

PRIMEIRO CEGO

MULHER DO PRIMEIRO CEGO

RAPARIGA DOS ÓCULOS

MÃE DA RAPARIGA

PAI DA RAPARIGA

MÉDICO

ESTRÁBICO

VELHO

LADRÃO

MULHER DO LADRÃO

MULHER DO MÉDICO

CONTABILISTA

CEGO COM PISTOLA

SARGENTO

MILITARES

GOVERNO

CONDUTOR

CEGOS

VELHA

ENFERMEIRA

POLÍCIA

MOTORISTA

FARMACÊUTICO

CRIADA

EMPREGADA

RÁDIO

ATO 1

CENA 1

Que apareça a baixo do PANO, uma passadeira paralela ao palco, e transeuntes de ambos os lados passando, com um semáforo de costas a nós, e um carro ao fundo com o PRIMEIRO CEGO, que ainda vê, e esperando que fique verde, fica amarelo, e algum POVO corre de um lado ao outro, outro para, etc., e ficando verde, de dentro se o vê gesticular muito e bracear, abafado pelo carro, e ouve-se buzinas, e ficando lá algum tempo, aparece um CONDUTOR, e bate-lhe ao vidro, e ele abre o vidro, como tateando pela manivela

PRIMEIRO CEGO

Estou cego.

CONDUTOR

Cegos não podem conduzir.

PRIMEIRO CEGO

Por isso,

Eu digo estou, e não sou. Estou cego, ajude-me!

MULHER1

(transeunte aproximando-se, que o PRIMEIRO berra, em sentido alarido)

Isso passa, isso passa. Às vezes são os nervos

Que fazem touros no trânsito, e além duma cor

Nós não vemos.

PRIMEIRO CEGO

Pois eu, só vejo branco.

MULHER1

Branco?

(fica vermelho, e passa POVO, e vai mais à volta dele)

VOZ1

(de fora)

Tirai-o daí ou chamo a Polícia!

VOZ2

(de fora)

Tirem daí essa lata!

PRIMEIRO

Alguém que me lev'a casa por favor. Não chameis

Nem ambulância nem nada. Levem-me ao prédio

E eu sei entrar.

LADRÃO

Eu posso ajudar, pobre do homem.

MULHER1

Então trocamo-lo de lugar, sim?

PRIMEIRO

Sim, sim, obrigado!

(sendo trocado, e entra o LADRÃO para o lugar do condutor)

A cegueira dizem que é negra, mas é um mar de leite.

Há de ter sido de quem assim nasceu nunca ter visto

E ser quem vê que lhe dá a cor, confundindo o sono.

Que haja PANO em baixo, e então abre a cima, ao apartamento do dito, e ouve-se, como ao longe do corredor AMBOS chegarem, e depois as chaves

LADRÃO

Não quer que eu entre?

PRIMEIRO

Não, não é preciso.

LADRÃO

Espero,

Pela sua mulher chegar?

PRIMEIRO

Não é preciso, pode deixar.

(fecha-lhe a porta, e escorrega por ela, cansado, e depois vai à olheira ver, e como não vê, vai à fechadura)

Para que olho eu por uma fechadura, se pela alma
Em dois olhos tod'aberta, nada do que me vem vejo?

(tateando pela casa a ir sentar-se, de olhos abertos)

Que nome tem esta meu Deus, insondável brancura

Que cobre tudo?

(fecha os olhos)

Ainda o mesmo odor, ainda a mesma

Madrugada que deixei cá, mas dia, o durmo eu vivo.

(abre os olhos)

É como se nadasse eu em chuva, e abraçando o nada

Eu avanço.

(rente a uma parede, tomba uma jarra)

Ó meu Deus, quem meteu aqui o que não é?

Esbarrei-lhe sem querer, mas componho.

(pica-se nos vidros)

Ah! Mas pica

Assim tanto o que não se vê? Atiro-vos sangues, lírios.

Não deixeis, rosas são rosas cegueiras são brancas.

(à procura, de um pano, e encontra, e envolve no dedo que sangra)

Como uma lagoa dum minho, mando pétalas oscilar

Que no lençol branco que Deus me cobriu, como nado

(arranca, a farpa de vidro)

Mas onde está o fundo deste rio de tempo, que pé

Sempre lhe temos?

(fecha os olhos, com muita força)

Parece que nunca mais os fecharei.

Aparece MULHER DO CEGO, como vinda a casa

MULHER

Que fazes tu aí, a dormir com flores em cima de ti?

PRIMEIRO

Fala o nada por amor? Cegueira faz tod'à flor líria,
E memória?

MULHER

Que fizeste? Podias ter arrumado isto.

PRIMEIRO

Mandasse-m'a tua voz, que quanto mais clara é
Só agora eu vejo.

MULHER

Chegaste mais cedo?

PRIMEIRO

Ceguei

A casa e à meia-morte, que não vejo, meu amor.

MULHER

Não digas asneiras.

PRIMEIRO

Estou-t'a dizer meu Amor,

Se perder a vista precede o morrer, vou a meio.

MULHER

Não estás a brincar?

PRIMEIRO

Não; olha para mim, e olha

Aonde te olho? Só por graça do meu nome dito
Levarei Deus por necessidade meu olhar ao teu
E aposto que desvio.

MULHER

Ao teu olho direito me prefiro.

PRIMEIRO

Igual, somos todos meio estrábicos, mas não minto
Estou cego, acredita.

MULHER

Estás a falar a sério; e agora?

PRIMEIRO

Consegues ligar a alguém?

MULHER

Vou ver na lista. Mas,

(como hesitando, indo e voltando a olhar para ele)

Não, deixa estar. Já venho. Nada?

PRIMEIRO

Nada quê? Eu,

Já não distingo, os vários tipos dessa palavra.

MULHER

(agarrando em água oxigenada, mercurocromo, algodão e pensos, enquanto tem o telefone no ouvido seguro pelo ombro, e a corda estende-se da parede)

Bom dia, há urgências dos olhos? Não, porque

Normalmente são os anos que perdem o ver,

E o de repente só o resto não nos poupa. Ah,

É que o meu Marido (e olhe que não usa óculos

Nem nunca eu), de repente ficou cego. Sim cego

Não é brincadeira, e queríamos ver se, ah podemos

Sim aparecemos já, vamos já. Sim Senhor Doutor
Se nos atender, quanto lhe agradeço. ‘Tá, ‘tá, ‘tá
Até já.

(feito o penso, vai pousar o telefone)

Onde tens o carro?

PRIMEIRO

Na rua ao lado.

MULHER

Boa

Ficas à espera no elevador, mas não fales tu
Com a vizinha que sabes com’ela é. Chaves?

PRIMEIRO

As chaves? Ele as tem.

MULHER

Ele quem?

PRIMEIRO

O Homem

Que me ajudou.

MULHER

Um homem ajudou-te?

PRIMEIRO

Ouve,

Perdi a visão num semáforo, alguém me trouxe.

MULHER

(levantando almofadas, etc.)

Largou-as algures é certo.

PRIMEIRO

Não vale a pena,

Ele não entrou.

MULHER

Era mesmo isto que nos faltava.

PRIMEIRO

Se vou ter de ficar assim, eu acabo com a vida!

MULHER

Não digas disparates tu, dá cá a mão.

PRIMEIRO

Eu dou.

Pois é isto que nos faz doença, sermos filhos

Outra vez.

MULHER

O Médico põe-te bom, vais ver.

PRIMEIRO

Verei.

Saem AMBOS, pela porta, e então abre ao palco de baixo o PANO, com o MÉDICO a despedir alguém do consultório, e tem lá uma máquina de oftalmologia, ao meio fundo, e um cristo vendado, atrás da cadeira dele, que está na direita, atrás de uma secretária, e então ouve-se reclamar de fora, como uma mulher a falar alto e então um velho, e por fim entra ENFERMEIRA, a fazer entrudo o PRIMEIRO CEGO e a MULHER DO CEGO

MÉDICO

Fostes vós que ligastes?

MULHER

Fomos nós Doutor.

MÉDICO

Fecha essa porta Rosa Amélia, esses acalmam
P'lo que me zangarem com medo de cair a eles.

Sai ENFERMEIRA, fechando a porta

PRIMEIRO

Os cegos podem vir ao oftalmologista Doutor?

MULHER

Mas tu vieste.

MÉDICO

Cegueira há adquirida, é um facto.

PRIMEIRO

Não se nasce toda?

MÉDICO

Não; basta vê-las nos homens.

Mas diga-me, como está?

PRIMEIRO

Foi de repente, conduzia

E parei de ver.

MÉDICO

Como uma luz que apaga.

PRIMEIRO

Como luz

Que acende.

MÉDICO

Não compreendo.

PRIMEIRO

Nada há mais certo:

Luz é ruído a mim agora Senhor Doutor, ouço-a

Como um frigorífico à noite. Os seus olhos

Nada fazem, mas sinto-me frio de não o ver.

Vejo tudo branco. Imagine que transbordava

Esta parte branca do olho, à parte com cor.

(o MÉDICO toca-lhe no braço)

Onde me leva?

MÉDICO

A novo modelo de confessionário

Onde o novo Padre da ciência vê de perto a alma.

(senta-se o PRIMEIRO CEGO, e arregala os olhos, ao alto)

Que faz? Parece um pássaro à espera de comida.

PRIMEIRO

Por instinto olhei para o céu, à espera que Deus

Me contasse o porquê.

MÉDICO

Pouse o queixo, relaxe.

(ajuda-o a pousar, e vê)

MULHER

Então Senhor doutor?

MÉDICO

Estou só a reverificar.

PRIMEIRO

Diga-me Senhor Médico, se eu por nada ceguei

Então quem nos tem ofendido, também cegará?

MÉDICO

(olha para ele de fora do instrumento, mas depois volta)

Eu, não sei.

PRIMEIRO

E quem nos ofenderá, poderá ver?

MÉDICO

(sai da máquina, e coça a cabeça, indo a uma estante, à procura dum livro)

Não sei meu Senhor, deixe-me estudar o caso.

PRIMEIRO

Estudar; quando serviu isso d'alguma coisa

Sendo ela o que nunca se viu?

MÉDICO

Caso este Senhor

De pior medo, que nunca se viu este não se ver.

MULHER

Tem cura?

MÉDICO

Seria receitar às cegas. Perdoe.

PRIMEIRO

Não

Foi bem observado.

MÉDICO

Eu não sei que vos fazer.

E havia de mentir alguma prudência não sabendo

Como faz o médico, ou o piloto que chega atrasado

Mas deixai-me ligar a uns amigos, ler uns livros

E ver.

MULHER

Obrigado na mesma Senhor Doutor.

MÉDICO

Nada;

Eu tenho o número. Se Deus quiser ainda ligo hoje

PRIMEIRO

Se Deus quiser ainda me ligue a mim, que desligou.

Sai PRIMEIRO CEGO e a MULHER, o MÉDICO rindo pelo nariz

MÉDICO

Nada na córnia, nada na esclerótica, nada na íris.

Nem a mácula maculada, nem a lútea lutada.

Crónica agnosia, mas se não lhe falta o julgamento

Desta múltipla coisa que se nos dá, não pode ser.

Esclerótica esclerose, como uma amaurose da alma

Não pode, que as veias rosas da vista sumiram.

Irião onde, as mil razões que o cérebro fecham

Como quem numa visita tardia, vindo à amante

Encontrasse cerrado os seus próprios umbrais

Todo despido?

ENFERMEIRA

(de fora)

Senhor Doutor? Mando entrar?

MÉDICO

(a fora)

WC!;

(a si)

Como no acompanhamento: a mão esquerda

Do tempo bate o ritmo à mão livre, e de repente
Não sei porque sei, mas também vou ficar cego.

(fecha os olhos forte, e abre)

Agora!

(olha as mãos, como verificando, e diz que não com a cabeça)

Que assim nos vem a coisa no medo,
Como quando queremos mostrar algo à'lguém
E estando lá, olhando desaparece. Neste prever
Mudo que nos enche o corpo como de algodão,
Estamos mal. E num só bafo de dente de leão,
Ó, ainda não.

(espirra)

Agora já estou, cego. Cego; cego
Como ele disse, vendo a cor que as tem todas.
O muito que há de gotas em Juno, nuvens aqui.
E não será como no piano, tod'à nota decrescente?

*Que haja PANO, ele levando as mãos à cara, como comparando, se muda, e a ENFERMEIRA vem
bater à porta, chamando doutor doutor*

CENA 2

Que apareça a cima do PANO, a MULHER DO LADRÃO, e o LADRÃO, chorando nos braços dela, num apartamento mais pobre que o primeiro, à esquerda, como se o primeiro se dividisse ao meio, um POLÍCIA à porta tirando o chapéu, e saindo batendo a porta, e na direita a RAPARIGA DOS ÓCULOS, sentada no sofá, com a MÃE DA RAPARIGA dela a bater o pé de braços cruzados

MÃE

Hás de ter de me mentir melhor minha menina,
Essa não aceito.

RAPARIGA

É a verdade Mamã, estou cega!

MÃE

Disseste-me que não vinhas jantar a casa, afinal
Vem-me trazer-t'um Polícia? Onde andaste?

RAPARIGA

Eu?

Vi uma vez nada e agora vejo tudo branco.

MÃE

Quê?

Entra o PAI, e vendo a comoção, fica à porta, e então a MÃE vai falar com ele, como explicando-lhe, a ralhar, mas baixo, e a RAPARIGA chora nas mãos

LADRÃO

Estou com medo.

MULHER DO LADRÃO

Mas que se passou, chegou aí
Pensei que ias ser detido outra vez.

LADRÃO

Não sei, não

Sei. Um Ladrão vale por si menos qu'um homem
Há de ter sido por isso. Poupou-m'a língua, e tirou
Os olhos com que cobiço.

MULHER DO LADRÃO

Não digas asneiras, vá

Se soubesse Deus quanto tu precisas para roubar
Dava-t'outro braço.

LADRÃO

Dois p'ra roubar um p'ra pedir.

MULHER DO LADRÃO

Vamos ao médico.

LADRÃO

Com que dinheiro?

MULHER DO LADRÃO

A consulta

É primeiro que o recibo.

*Que saia a MULHER, a tirar jarras e partir porquinhos, como a contar o dinheiro que há na casa,
e aproxima-se a MÃE DA RAPARIGA, e o PAI*

MÃE

Ainda tive que lhe pagar

Que foi de Táxi, não saiu com as perninhas dela.

RAPARIGA

Só quero dormir, Mãe, deixa-me.

PAI

Onde estavas

Assim vestida?

RAPARIGA

À procura da luz do dia, meu Pai.

Agora qu'a tenho, não a quero mais.

MÃE

Fumou será?

PAI

De certo.

Vão de parte outra vez o PAI e a MÃE, ligando a alguém, e acaba de contar a MULHER

MULHER DO

Não tens aí guardado?

LADRÃO

Aqui não tenho.

Qu'achas Amor. Se for agora ao espelho e tocar

Vou ter-me?

MULHER DO

Acalma-te, vá.

LADRÃO

É injusto não achas?

Ir-nos os olhos, e estas mãos poderem as coisas

Mas se ninguém nos chegar, só nos termos a nós?

MULHER DO

Que vamos fazer, nós dois agora?

LADRÃO

Vamos trabalhar.

PAI

Que lhe fazemos nós?

MÃE

Vai ter de ir trabalhar, ora.

Que haja PANO a cima, tocando a campainha em AMBOS, e a MULHER e a MÃE espreitando uma da janela outra da porta, e abre a baixo, o MÉDICO de robe de casa, e entra a MULHER DO MÉDICO

MULHER DO

Bons dias meu bem.

MÉDICO

Bem eu e não bons eles.

MULHER

Ah?

MÉDICO

Tenho qualquer coisa na vista.

MULHER

(indo perto dele, verificando)

Eu não vejo nada.

MÉDICO

Essa deixa é minha.

MULHER

Mas que me dizes tu, cego

Por contágio? O caso que me contaste, pegou?

MÉDICO

Será cegueira uma coisa privada?

MULHER

Bem, não sei.

MÉDICO

Que já foi ensinada, e passada de gent'a gente?

MULHER

Mas dos olhos não.

MÉDICO

Menor talvez, da cabeça a cá.

MULHER

E agora, que vamos fazer?

MÉDICO

Avisar as autoridades,

Ministério, nem sei qual. Todas as Civilizações

Sobreviveram a uma epidemia, se a escreveram.

Esta não nos mata, mas é a primeira.

(empurra a MULHER, quase com violência)

MULHER

Ai! Que foi?

MÉDICO

Afasta-te, afasta-te de mim! Não sou um médico

Sou um idiota. Não mereç'a minha bata. Até agora

Os dois contaminados tiveram contacto, e passei

A noite na tua cama.

MULHER

Tu nunca mais me empurres.

MÉDICO

Foi por bem.

MULHER

Irrelevante; se está feito então Amor,
Junto a ti serei cega. Que faça Deus com'ós mancos
Se forem amigos dão o ombro ao braço, e andam
Um mais um, dois.

MÉDICO

Sarando cegueiras com somas.

MULHER

Que cor dá, leite com leite?

MÉDICO

Com mulher o osso.

MULHER

Então ainda te faço eu o coração, que engaiolado
Vai ele desse.

MÉDICO

Achas que m'atendem no Ministério?

MULHER

Podes tentar, mas anda que te faço café e já se vê.

MÉDICO

Já se vê; não tu és boa mulher.

(ia saindo, descansado pela mão dela ambos sorrindo, quando toca o telefone)

Deve ser para mim.

MULHER

Atendo?

MÉDICO

Atende. Ontem falei a um amigo, é capaz

De já estar na direção o caso.

Sai MULHER e traz-lhe o telefone, como se entrasse o cabo encaraculado de fora da cena a dentro, e ele ouvindo a primeira palavra, pede-lhe que saia

MÉDICO

Diga, Senhor Ministro

Repita que a chamada quebrou. Não precisa, ora

Essa. Estou ao dispor, para acompanhar quem for.

Que não saia de casa? Claro que não saio de casa.

Qualquer coisa mais-

(desliga)

‘Tou? Estou? Está lá?

(volta a tocar)

Ah Senhor Ministro caiu a cha-

(trocando de ouvido)

Diga Diretor

Mais dois casos? Juntos aos do consultório?

Então não é garantido, que foi tudo contacto

Mas talvez implique ainda. Diz? Não percebi.

Uma ambulância? Para quê? Não tudo bem,

Não estou a contrariar-te, estou só a perguntar.

Tudo bem, meia hora? Tão rápido, não não

Pronto, é o que é, obrigado por me dizeres.

(ele tira o telefone do ouvido, derrotado, ainda se ouvindo do outro lado despedidas)

Entra MULHER

MULHER

Então?

MÉDICO

Vêm-me buscar para me levar algures.

MULHER

Isso é bom?

MÉDICO

Mais ou menos o que esperava.

MULHER

Faço a mala?

MÉDICO

Não faço ideia; se calhar é melhor.

Não sei quanto tempo vamos estar separados.

MULHER

(ri-se, sem fazer barulho)

Não te preocupes com isso, quando ela chegar

Digo que subam?

MÉDICO

Diz diz, eu vou só descansar.

Sai MÉDICO

MULHER

Vai a mala abarrotar, mas nem o vou preocupar

Que acabei de cegar, e vou ter de ir junto a ele.

Que haja PANO em baixo, tocando a campainha, seguido, ela atarantada, à procura de sair

CENA 3

Que abra a cima o PANO, a uma mesa longa de membros do Governo, iguais e inferiores, ao que entra então eles levantando-se, o MINISTRO anterior, e manda-os sentar, com uma pasta, que abre, e eles TODOS fazem igual

MINISTRO

Então, vamos à obra. Sugestões?

HOMEM1

(mostrando uma foto do estabelecimento, e há inspirações de dúvida, abanares de cabeça ponderantes, outros em acenos de concordar)

Um manicómio.

HOMEM2

(idem)

Uma feira.

HOMEM3

(idem)

Um mercado?

MINISTRO

Um justo e um caro, sobra

Só uma escolha.

HOMEM1

E é boa, se me permitir dizê-la

Já que tem duas alas, e uma digamos entre elas

Uma terra de ninguém, pelo que a uma vão cegos

E a outra os capazes.

HOMEM4

Capazes de cegar não somos

Todos?

(borburinho de dúvidas)

MINISTRO

Por enquanto sabemos ser por contágio.

Então que o manicómio seja, e eles lá se levem

Enquanto não se sabe a etiologia, do mal-branco

(há ah's dos presentes)

HOMEM2

Chama-se mal-branco?

MINISTRO

Que a cegueira já lhes tira

Não seja também malsonante.

HOMEM1

Quarentena?

MINISTRO

Até ver,

Em múltiplos de quarenta.

HOMEM2

Os novos leprosos são;

MINISTRO

Não que não lhes caiu os olhos, caiu-lhes a vista.

Que feche o PANO a cima, e apareça em baixo POVO, e ouve-se de fora uma voz de altifalante, e tem uma corda, como ao longo do palco, que estira em duas, para a esquerda, e para a direita, como um Y deitado para a direita, com lixo espalhado, e entra o MÉDICO pela mão da MULHER DO MÉDICO, passando-os à frente com a mala

MULHER

Encontrei-nos a cela mais perto d'entrada qu'há
Fica lá, eu vou ver como isto tudo é e já te volto.

MÉDICO

(ela a lutar por lhe abafar a boca)

Tu ainda vês Mulher? Vou gritar a altos brados
Que te tirem daqui!

MULHER

Não sejas tolo, vem o dia
Em que fico igual. E se visses os olhos deles
Que cá nos trouxeram, não achavas que t'ouviam.

MÉDICO

Vai-te embora por favor, já sentiste este cheiro?

MULHER

É um manicómio isto.

MÉDICO

Como sabes? Pois tu vês.

Saindo a MULHER e o MÉDICO, abre a cima a várias camas, perpendiculares ao palco, e o MÉDICO lá fica, esperando na sua, e entra, o PRIMEIRO CEGO, o LADRÃO, a RAPARIGA, o ESTRÁBICO que é mocito, e entrados aos trambulhões todos, o último começa a chorar, pedindo pela Mamã, fungando muito mal, e então vai a RAPARIGA, e acalma-o, como pode, dizendo já vem já vem, e entra a MULHER

MULHER

(junto a ele)

Quatro, dois homens uma mulher e um garoto.

MÉDI

Estrábico?

MULHER

Sim.

MÉDI

Já sei, e um deve ser o que veio.

O outro não sei.

MULHER

(alto)

Quantos somos?

(silêncio)

RAPARIGA

Quatro acho eu.

MÉDI

Alguém não fala.

PRIMEIRO

Estou eu.

LADRÃO

E eu.

GOVERNO

(do altifalante, como geral)

Atenção, atenção

A todos. Passand' à frent' os vossos atos heróicos

Não por não merecem, mas por estarem assumidos

(E longas mensagens serem de curtas memórias)

Oito pontos (que vos fizessem o remendo, e a ferida

Que o nada vos fez à vista, sarasse), primeir' as luzes

Ficarão sempre ligadas (esperando o Governo que

Aos cegos nada falte, e em nada tropecem, e como

Se faz à planta, dando-lhe luz, lhes cresçam os olhos

Como se faz ao moço o leite) segundo, abandonar
É morte imediata, o edifício. Terceiro, há um telefone
Em cada camarata para casos de higiene e limpeza.
Quarto, limpais vós a roupa. Quinto, eleger delegado.
Sexto (não vinculativo nada disto, mas aconselhado)
Três vezes vos irá alimento (que três caras teve Deus)
Sétimo, dai o holocausto aos restos (é palavra grega
Não temais, fizemos autos mas só uma vez), oitavo
Queimai aí dentro, que o contágio ainda vai no ar.
Nono, sois responsáveis pelas vossas queimas. (Ah
Onde é que eu vou?) décimo primeiro, não deveis
Contar com contacto exterior de qualquer tipo. E,
Há aqui mais uns mas estou a ficar seco da garganta
E vai do género, enterrai vós os mortos, transitai
Dum lado ao outro os cegos, e perdoai-me a voz
Da próxima vem gravado. É tudo, boas noites.

ESTRÁ

Quero a minha mãe!

MÉDICO

Não há caso para dúvida

Estamos isolados.

RAPARIG

Eu conheço a sua voz.

MÉDICO

Médico.

RAPARIG

Oftalmologista?

MÉDICO

Conjuntivite?

RAPARIG

E a cegueira Doutor

Qu'ela me pregou.

MÉDICO

E o moço, o estrábico d'ontem?

ESTRÁ

(tom de moço ofendido)

Sou sim senhor.

MÉDI

Não t'ofendas, que ninguém to vê

E quem visse, nos via pior.

(um segundo)

E mais, estará o Senhor

Que cegou no semáforo?

PRIMEIR

Estou cá, sou eu Doutor.

MÉDICO

E o outro?

LADRÃO

(baixo)

Sou eu, eu.

MÉDICO

Não é o velho da catarata.

LADRÃO

Não;

(vira-se, e sem saber fica de frente ao PRIMEIRO)

MÉDICO

Temos de nos organizar, daqui a nada isto enche.

Esta e as outras.

RAPARIGA

Como sabe que há outras?

MULHER

(aperta-lhe o braço)

Antes,

Demos por aí uma volta.

RAPARIG

Fique você responsável

É Médico.

MÉDICO

De que serve um sem olhos?

RAPARIG

Aind'assim

Doutor, serve mais que os outros.

MÉDICO

Vamos esperar

Que somos seis mas há de vir mais gente, e vê-se.

LADRÃO

A culpa disto tudo é sua!

(aponta a um ferro da cama)

Foi isto que recebi então

Pela minha samaritania, cegueira? Faça vinho pão

E trocai-m'ao que era, não ao que fiquei.

PRIMEIRO

É levou

E aproveitou e roubou-me o carro. É a paga sua
Bem me fico contente.

LADRÃO

Roubei nada, ó mentiroso

Tem testemunha?

MULHER

Testemunhas valem agora pouco.

MÉDICO

Fazei os dois as pazes, vamos viver aqui juntos.

PRIMEIRO

Eu não faço pazes nenhuma. Não partilho casa
Com um ladrão, vou-m'embora a outra camarata.

(indo a sair, bate contra alguma coisa, e o LADRÃO ouvindo, atira-se ao barulho, e falha caindo à cama, mas sente-lhe a perna, e agarra por ele, e lutam, muito mal, com pouco dano, só pela condição, mas aumentando quando se apanham, e o ESTRÁBICO chora, a MULHER leva o MÉDICO lá junto pelo braço, e mete-lhe as mãos num, e ele separa-os)

Ele roubou-me o carro!

MÉDICO

E agora de que lhe vale?

Nenhum de nós pode conduzir.

PRIMEIRO

Quando eu sarar.

LADRÃO

Eu indemnizo-o Senhor Cagão, sou bom nisso.

PRIMEIRO

E ainda faz pouco.

LADRÃO

Faço, que com o mal dos outros

Posso eu bem.

MÉDICO

Se quiser a minha mulher leva-o,

Orienta-se melhor que eu.

PRIMEIRO

Não. Agora quero ficar.

LADRÃO

É menino tem medo. E o Senhor Doutor não toque

Como se fosse meu amigo, que eu não lhe toquei.

Teve sorte que arrancou esse, se não ainda via pior.

(vai de cama à cama, com modo de andar, despir-se, e há silêncio)

ESTRÁ

Quero fazer chichi.

(TODOS ficam constritos)

LADRÃO

Merda, onde se mija nesta casa?

RAPARIGA

Tento na língua sim? Está aqui um menino.

LADRÃO

A puta

O ladrão e o médico? É uma barca do Gil Vicente;

Se não lhe der retrete o Brás da Mata mija-se todo.

MÉDICO

É melhor irmos todos, assim ficamos a saber onde.

LADRÃO

(para si, rindo tarado, com os olhos para cima como a imaginar)

Ele não quer é que a mulher me leve toda a vez.

MÉDICI

Fazemos uma fila-

LADRÃO

(só de cuecas, surpreso, vira-se ao contrário, não necessariamente de costas a nós, a olhar a baixo)

Nossa Senhora, uma queijada!

PRIMEIRO

Eu neste energúmeno não toco.

MÉDICO

Ela vai à frente

Nós vamos atrás

LADRÃO

(vira-se, compondo o entendido)

Não se preocupe Signor Cágado

Acabei de descobrir que se fores atrás de mim

Ou à frente não se nota. Onde está a Rapariga?

Eu vou atrás dela.

MÉDICO

Ela vai atrás da minha Mulher.

E nós vamos os quatro atrás.

LADRÃO

Quer tudo p'ra ele.

(como a fazer um argumento ao PRIMEIRO, tentando dar-lhe com o cotovelo)

Já vist' este?

(ao MÉDICO, não o olha bem, claro)

Digo-lhe já, só trinca se eu trincar.

(fazendo a fila, o LADRÃO segue o perfume cheirando o ar como um cão da RAPARIGA e passa à frente, e mete-se atrás dela, cheirando-lhe a nuca, apalpando-a, roçando-se, e então ela que só o batia de mão, dá-lhe um coice forte, com o tacão, e ele gane, sangrando)

MÉDICO

Que foi que foi?

RAPARIG

Tropecei e toquei em alguém

Não foi nada.

LADRÃO

A gaja não sabe onde põe os pés!

RAPARIG

E tu as mãos.

MÉDICO

Como está isso?

LADRÃO

Sangra ó diabo

Que acha?

MÉDICO

Temos d'ir à cozinha passar-lhe água.

Não sei onde vamos ter desinfetante, mas é ver.

RAPARIG

Estava a apalpar-me, é bem feito.

ESTRÁ

Preciso mesmo!

MÉDICO

Esperai aqui, nós já vimos, é importante ficarem.

Que haja PANO a cima, ficando a RAPARIGA e o ESTRÁBICO, que se urina pelas calças, abrindo uma poça debaixo dele, saindo os outros três na fila, com a MULHER à frente e o MÉDICO ao meio